

# 50 ANOS DE ABRIL NA GALIZA

CARLOS PAZOS-JUSTO  
ROBERTO SAMARTIM  
(EDS.)

ATRAVÉS  
editora





50 anos de Abril na Galiza  
Carlos Pazos-Justo e Roberto Samartim (eds.)

1ª edição, março 2024  
© 2023 AGAL  
© (dos textos) As autoras e os autores

Associação Galega da Língua  
Santiago de Compostela (Galiza)  
atraves@a.gal  
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-16545-91-9  
DL: C 379-2024

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Víctor Giadás e Luigi Cavaliere  
ADAPTAÇÃO E REVISÃO TEXTUAL: Roberto Samartim, Carlos Pazos-Justo e Luigi Cavaliere  
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: Miguel Durão  
IMPRESSO NA GALIZA: Sacauntos Cooperativa Gráfica

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

## ÍNDICE

### **Prefácio**

CINQUENTA ANOS À SOMBRA DE UMA AZINHEIRA.

NOTAS DA GALIZA | 9

Carlos Pazos-Justo e Roberto Samartim

### **Depoimentos**

QUE FORÇA É ESSA? | 15

Fernando Rosas

OUTROS SINAIS DE ABRIL | 27

Henrique Barreto Nunes

A GALIZA TEM RAÍZES NA LIBERDADE DE ABRIL | 37

Manuel Duran Clemente

O ANO 1974, CINQUENTA ANOS DEPOIS | 49

Martinho Montero Santalha

RÁDIO E EXÍLIO: ÀS QUINTAS-FEIRAS, EM O NORTE DIA A DIA,  
FALAMOS “PARA OS NOSSOS AMIGOS DA GALIZA” | 67

Margarita Ledo

O SINDICALISMO GALEGO E A REVOLUÇÃO PORTUGUESA | 77

Manuel Mera

DE COSTAS VIRADAS? | 91

Vicente Araguas

### **Abordagens**

O 25 DE ABRIL E AS SUAS IMEDIATAS CONSEQUÊNCIAS  
PARA E NO PROTOSSISTEMA CULTURAL GALEGUISTA | 97

Elias J. Torres Feijó

O CAMPO MUSICAL NA GALIZA DOS ANOS SETENTA,  
A *NOVA CANCIÓN GALEGA* E PORTUGAL | 113

M. Felisa Rodríguez Prado

O IMPACTO DA REVOLUÇÃO DOS CRAVOS NA TRANSIÇÃO ESPANHOLA  
NA PERSPETIVA DA GALIZA | 127

Fernando Martínez Arribas

HERANÇAS DE ABRIL: DA LIBERDADE SINDICAL À PROXIMIDADE  
SINDICAL – UM CASO DE AFINIDADE NO SINDICALISMO DOCENTE  
DO NOROESTE PENINSULAR (SPN E CIG-ENSINO) | 139

Sónia Duarte

CRONOLOGIA DO 25 DE ABRIL | 151

Alexandra Paz

NOTAS BIOGRÁFICAS | 161

## CINQUENTA ANOS À SOMBRA DE UMA AZINHEIRA.

### NOTAS DA GALIZA

*A 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas, coroando a longa resistência do povo português e interpretando os seus sentimentos profundos, derrubou o regime fascista.*

*Libertar Portugal da ditadura, da opressão e do colonialismo representou uma transformação revolucionária e o início de uma viragem histórica da sociedade portuguesa.*

*A Revolução restituiu aos Portugueses os direitos e liberdades fundamentais. No exercício destes direitos e liberdades, os legítimos representantes do povo reúnem-se para elaborar uma Constituição que corresponde às aspirações do país.*

*A Assembleia Constituinte afirma a decisão do povo português de defender a independência nacional, de garantir os direitos fundamentais dos cidadãos, de estabelecer os princípios basilares da democracia, de assegurar o primado do Estado de Direito democrático e de abrir caminho para uma sociedade socialista, no respeito da vontade do povo português, tendo em vista a construção de um país mais livre, mais justo e mais fraterno.*

#### Preâmbulo da Constituição da República Portuguesa

Com renovada surpresa e igual admiração relemos o Preâmbulo da Constituição da República Portuguesa que não é mais, interpretamos, do que uma homenagem à chamada Revolução dos Cravos. É também uma referência ineludível do significado a posteriori de Abril de 1974. Nesta direção, e em linha com outras muitas atividades e propostas que em Portugal e noutras latitudes vão surgindo, este livro pretende, com lógica comemorativa, assinalar os cinquenta anos da Revolução dos Cravos a partir da Galiza. Pretende igualmente, com mais modéstia, contribuir para uma maior aproximação ao processo histórico, resgatando também algumas memórias portuguesas e galegas.

Quem isto escreve, diga-se já, tem uma querência particular pelo 25 de Abril e pelo que significou, em termos políticos mas também éticos e estéticos, para muitas pessoas e povos, particularmente para a Galiza. Não é este livro, portanto, uma abordagem académica que tente decodificar o fenómeno histórico, político, cultural, etc.; é antes uma comemoração de Abril de 1974 inspirada pela tal querência de quem se relaciona com a memória da Revolução dos Cravos em distintos momentos e com diferentes sentidos: desde darmos uma palavrinha sobre a efeméride numa emissora local de Compostela como estudantes que

comemorávamos a data, até nos desiludirmos juntos um bocado quando não encontramos rasto nem notícia de nenhuma Revolução o dia 25 de abril de 1997, aquando de uma visita de estudos à cidade de Braga, exceção feita de um homem pequenote e magricela, que passeava com muita dignidade e orgulho um cravo cravado no casaco das festas pela Avenida da Liberdade acima e pela Avenida da Liberdade abaixo a tarde toda. Pequena desilusão que nos serviu, junto a outros acasos e leituras, para perceber que também o 25 de Abril foi vários. Apesar de haver alguns consensos sobre a sua origem e desenvolvimento, parece não existir em Portugal e noutras latitudes um entendimento unívoco, nomeadamente acerca do seu legado. Têm tido algum eco mediático em Portugal nos últimos tempos, aliás, algumas vezes a reivindicar outras datas (25 de novembro de 1975, com algum destaque) de sentido quase oposto ao que inspira este livro. Mas, pronto, a polissemia de Abril de 1974 não nos impede propor a sua celebração nas páginas seguintes.

Queremos rememorar e comemorar, então, uma efeméride que na Galiza também foi recebida de maneira diferente segundo a posição política e as expectativas para o futuro de cada quem, naquela decrepitude do franquismo. Neste sentido, apontamos apenas que para o galeguismo autonomista da altura, o 25 de Abril produziu três impactos fundamentais: o estancamento no relacionamento galego-português articulado nesse espaço fundamentalmente cultural, a crescente desconexão com os agentes lusos do galeguismo (nomeadamente com Manuel Rodrigues Lapa, já relativamente secundarizado desde o ano anterior por causa da sua proposta para a codificação da língua da Galiza) e uma maior presença no sistema cultural português daqueles agentes que defendiam a utilidade para a população galega dum processo de standardização que colocasse no centro a unidade linguística galego-portuguesa e não as falas populares. Já para o nacionalismo soberanista da esquerda, um dos primeiros impactos de Abril de 1974 foi o reforço discursivo da (antiga) referencialidade cultural galego-portuguesa e, na prática e sobretudo, a consolidação e o alargamento da rede de relações, apoios e solidariedades (nos campos político, sindical e cultural) já iniciados antes de 1974 e ainda hoje em boa medida vigorantes; ainda que neste último aspeto (o cultural), as transferências portuguesas para esse espaço da resistência galega continuaram a ser relativamente escassas, assimétricas e circunscritas à ativação do carácter referencial de emulação naqueles campos dinamizados pela esquerda antifranquista

(o dramático, o cinematográfico e, sobretudo, o musical). Entretanto, a população do comum da Galiza ficou sabendo do processo revolucionário português por uma imprensa generalista interessada em posicionar (e polarizar) a opinião pública em relação a um foco positivo identificado com o General Spínola e ideias positivas como ordem ou governo a ele vinculadas, face a um outro foco caracterizado negativamente em termos de caos, violência e desordem, reservado para os movimentos populares da esquerda.

Várias destas questões surgirão em textos deste volume, porque a celebração aqui proposta abre com um bloco de contributos (alguns inéditos outros revisões de textos já publicados) que chamamos Depoimentos, onde autores/as de Portugal e da Galiza abordam Abril de 1974 de diferentes perspetivas, mas sempre com uma olhada pessoal. Assim, abre este bloco “Que força é essa?”, onde Fernando Rosas traça uma rápida, mas precisa análise das forças por trás da Revolução e do processo consequente que deu lugar à atual democracia portuguesa. Sob o título “Outros sinais de Abril”, Henrique Barreto Nunes resgata vivências e memórias em que conjuga o 25 de Abril com os seus vínculos com a cultura galega. Manuel Durán Clemente, um dos capitães de Abril, em “A Galiza tem raízes na Liberdade de Abril”, evoca os tempos da Revolução, estabelecendo ligações com o devir da Galiza. Já em relação a contributos de autoria galega, “O ano 1974, cinquenta anos depois”, de José-Martinho Montero Santalha, rememora também em primeira pessoa o *seu* 25 de Abril, dando notícia do importante “Manifesto para a supervivência da cultura galega” desse ano, de que ele foi principal promotor e redator. Em “Rádio e exílio: às quintas-feiras, em *O norte dia a dia*, falamos ‘para os nossos amigos da Galiza’”, Margarita Ledo relembra o seu exílio no Porto, episódio talvez menos conhecido, que espelha outros cruzamentos político-culturais entre a Galiza e o Portugal de Abril. A seguir, Manuel Mera, em “O sindicalismo galego e a Revolução portuguesa” expõe as articulações várias que vão surgindo entre o processo de construção dum sindicalismo nacional galego e a Revolução portuguesa. Por último, Vicente Araguas, com “De costas viradas?”, revisita as crescentes cumplicidades que vão surgindo no âmbito musical entre a Galiza e Portugal nos tempos em foco.

Nas Abordagens do segundo bloco recuperamos dois trabalhos previamente publicados e incluímos mais dois inéditos. Elias J. Torres Feijó estuda em “O 25 de Abril e as suas imediatas consequências para e no

protossistema cultural galeguista” as relações que em 1974-1975 se estabelecem entre pessoas e grupos da Galiza com o Portugal da Revolução. Por seu turno, em revisão de texto anterior, Maria Felisa Rodríguez Prado, “O campo musical na Galiza dos anos setenta, a *Nova Canción Galega* e Portugal”, estuda as articulações várias, particularmente no campo musical, que se estabelecem entre os grupos galegos de oposição à Ditadura e os grupos portugueses de similar tendência. Segue “O impacto da Revolução dos Cravos na transição espanhola na perspectiva da Galiza”, onde Fernando Martínez Arribas reflete acerca da influência do processo português no quadro do lento ocaso da ditadura espanhola e nas lógicas políticas da Galiza. Fecha este bloco Sónia Duarte, “Heranças de Abril: da liberdade sindical à proximidade sindical – Um caso de afinidade no sindicalismo docente no noroeste peninsular (SPN e CI-G-Ensino)”, abordagem que recupera (em linha com o texto de Manuel Mera) alguns episódios que nos falam das relações e articulações entre os sindicalismos emergentes aos dois lados do rio Minho.

O livro inclui uma “Cronologia do 25 de Abril”, em que Alexandra Paz traz uma completa recolha de acontecimentos, entre 1945 e 1982, para melhor entender génese e desenvolvimento posterior do 25 de Abril.

Como brevíssima nota editorial, apontamos apenas que regularizamos os textos de acordo com o modelo internacional da nossa língua, tentando respeitar as opções e estilos particulares de autores e autoras. Dado o carácter divulgativo almejado para o volume, poupamos notas de rodapé e, quanto possível, referências bibliográficas, e traduzimos ou adaptamos para esse modelo as citações presentes nalguns dos contributos.

O presente volume contempla também a reprodução de diversos materiais (fotografias, documentos...) que pretendem mostrar alguns dos vários cruzamentos que a Revolução dos Cravos propiciou no quadro geral das relações galego-portuguesas e que ilustram os capítulos do livro. Nesse sentido, como evidenciam alguns dos textos incluídos no volume, recordar o 25 de Abril na Galiza passa também, e com um alto peso simbólico, por lembrar José Afonso; também porque as várias intervenções do Zeca na Galiza deixaram um pouso ético e estético que motivaram o surgimento de várias iniciativas associativas, livrescas ou até audiovisuais (destacamos, por exemplo, o documentário *Zeca 1972 Galiza* de Elena Martín e Pablo Santiago). Em atenção a isso oferece-



mos várias imagens que ilustram a feliz intimidade entre José Afonso e a Galiza.

Agradecemos muito especialmente a Minia García Angulo e a Maite Angulo Carballal, respetivamente filha e viúva de Benedicto, pela disponibilização dos materiais gráficos do arquivo do cantor galego; e também à Coleção Sanxiao-Lodeiro pela amável disponibilização do Cancioneiro com os textos do Recital de José Afonso na Faculdade de Económicas da Universidade de Santiago de Compostela em 10 de maio de 1972, cuja capa ilustra um dos capítulos do livro. Estendemos esse agradecimento às pessoas responsáveis pela autoria dos textos recolhidos no volume, que generosamente tiveram a bem participar nesta celebração dos *50 anos do 25 de Abril na Galiza* e deixamos igualmente uma nota de gratidão à Através Editora, sempre de olho firmado no nosso sul, por acolher abertamente a proposta de livro que agora, caro/a leitor/a, tens entre as mãos.

Carlos Pazos-Justo e Roberto Samartim  
Redondela, fevereiro de 2024

## QUE FORÇA É ESSA?\*

**Fernando Rosas**

Ainda hoje, quase cinquenta anos depois, sinto um nó a embargar-me a voz quando olho para as espantosas imagens da Revolução portuguesa de 1974/1975. Elas preservam a memória dos rostos e dos gestos desse abalo gigantesco que abriu uma nova época na história contemporânea do país. As imagens da derrocada desse Portugal antigo que se transformava sacudido por um vigor improvável e por uma determinação desconhecida.

Para os que se fizeram adultos depois desses meses torrenciais é provavelmente difícil compreender o sentido profundo, social, político, cultural, simultaneamente coletivo e individual do que é uma revolução em marcha. Dessa energia misteriosa que altera radicalmente os quotidianos, substitui rotinas, divide famílias, rompe e constrói as amizades e as relações sociais, em suma faz mudar a vida. Dessa força telúrica, inesperada, largamente espontânea, irreprimível, que em explosão nos centros urbanos ou no campos do sul, pôs milhões de pessoas na rua nas manifestações do 1º de Maio de 1974 e depois, como uma vaga, se desdobrou nas semanas e meses seguintes em manifestações com bandeiras, faixas de pano, punhos no ar e palavras de ordem, decorou cada centímetro dos muros e paredes das vilas, das cidades e das estradas do país com cartazes, jornais de parede, pinturas murais onde se alertava, exigia, reclamava, convocava, propunha, anunciava o mundo novo e as suas reivindicações. Mais os comícios, as manifestações, as greves que se multiplicavam por todo o lado. Essa torrente onde se misturava a alegria redentora da libertação com a esperança sem fim, com a vontade inadiável da mudança e também a raiva contra a opressão, a exploração e o medo do passado relativamente ao qual era preciso fazer justiça, para que não voltasse, nunca mais. Um levantamento popular vindo de baixo, do âmago da condição social dos que nunca tinham tido voz e entravam tumultuosamente na História.

Então os operários fizeram greve para conquistar uma vida digna e o trabalho com direitos, elegeram comissões de trabalhadores nas empresas para os representar, ocuparam e geriram fábricas que patrões em

\* Adaptação do texto escrito para o Catálogo fotográfico de Alfredo Cunha sobre o 25 de Abril e a Revolução de 1974/1975 (Cunha, 2023)